

# “apenas a poesia nos diz quem somos”

(Recensão sobre *dias desiguais*)

---

Os caminhos não são mais do que sinais daquilo que num corpo é profundo e nomeador. Os caminhos pertencem-nos e só nós os podemos trilhar, ainda que com uma multidão em volta que chamamos para perto, depois fraccionada na solidão e na liberdade desse cada um que, existindo, lê.

Este livro é um sinal profundo e uma marca clara do percurso literário de João Ricardo Lopes, sempre em busca de elementos que tornem o texto poético numa versão integradora da existência.

Este caminho leva a um ser. O ser que aqui se propõe é fruto de uma leitura muito próxima daquilo que é significativo para os demais e essencial na edificação do sujeito que se ergue, se confronta e comunica. O ser palavra.

Não é nova, neste autor, a aspiração de encontrar para a palavra uma justificação válida que a eleve à categoria de corpo com o qual se contrastam experiências e sensações, códigos e linhas estéticas, pensamentos e emoções. Nesta obra, esta intencionalidade é mais visível que nas anteriores, assumindo-se como indicação de rumo:

## ***“Princípio.***

antes mesmo do princípio  
fome, negro, branco, vazio  
olhos nos olhos com deus  
uma vaga impressão pedia  
que olhasse secretamente  
para muito perto das coisas”.

A recorrência a elementos do quotidiano e da natureza dá-nos conta do quanto se pretende que a poesia circule e transforme o lado interior dos caminhos comuns, às vezes fechados ou que se auto-limitam perante a interpretação poética. Que poesia se encontra num prato quebrado, nuns velhos

sapatos, no antes, no durante e no depois das trovoadas, nos cães da rua, nas hospedarias, etc? Toda a poesia. A poesia justificada de modo notável pela expressão «as palavras empoeando».

Em «dias desiguais» voltamos à questão, também colocada nas obras anteriores, relativamente à origem do poema, à existência da palavra procriadora de sentidos. Este livro está dividido em três partes, partes essas em que nos confrontamos com textos de natureza metapoética (1ª parte), com exercícios de um lirismo centrado na relação com o “outro” no plano do amor e do erotismo (2ª parte) e, por fim, os textos que nos deixam uma inequívoca intencionalidade, evocada no poema «Princípio», repetidamente trabalhada através de um rasgo de proximidade implicada e, por vezes, irónica sobre o quotidiano, a partir do qual emerge o acto poético, devolvendo ao leitor uma interpretação do mundo na brevidade profunda e mágica do poema.

O percurso de João Ricardo Lopes observa uma coerência que resulta, não só no plano temático, mas sobretudo no persistente intuito de aprofundar uma linguagem e criar um lugar próprio no panorama literário, com tudo o que isso possui de difícil e apaixonante. A importância deste autor, no panorama da nova geração de poetas portugueses, reside na inquestionável e incondicional expressão de autonomia no processo criativo, proporcionando a quem lê o privilégio de se deparar com o que é novo e acrescenta ao imaginário comum.

Em «dias desiguais» abre-se uma janela sobre a poética do tempo, das coisas, das pessoas e dos lugares, fruto do comprometimento do seu autor e, como consequência natural, de quem com essa mesma poética se confronta. Assistimos, ao longo destas páginas, à evocação de uma beleza extraordinariamente ampla e livre, por resultar do que não é explícito, simplista ou gratuito, condição imprescindível ao reconhecimento da arte, preceito esse sempre defendido pelo seu autor.

Este livro é um trabalho extremamente conseguido, onde é sugerida uma redescoberta existencial por via da poesia, com base no que dos dias comuns decorre, em toda a sua inquietude e beleza, ainda que tão desiguais, ainda que tão cheios de faces que chegam e que partem e se multiplicam em interpretações tão díspares, tantas quantos os sentimentos que nos deixam ou que fazem nascer.

Estes «dias desiguais» constituem uma visão madura e frontal do nosso tempo, no seguimento do que já fora a obra anterior, magnificamente intitulada «contra o esquecimento das mãos», aprofundando agora ainda mais a convicção, a que me associo, num plano identificador da nossa significância no mundo: «por essas ruas até mais para dentro/apenas a poesia nos diz quem somos».

Entendo que um posfácio não serve para fechar uma leitura, mas para suscitar outras, por isso termino evocando a mais bela questão desta obra onde quase tudo se define sobre a forma de uma interrogação:

«(...) dizem que a cor dos sonhos é impossível  
– como tudo aquilo que se perde com o tempo –  
mas nunca ninguém soube explicar-me  
como pode um simples olhar uma vez  
deixar-nos tão perto de outra coisa».

Fafe, 15 de Junho de 2005

**Pompeu Miguel Martins**